



Universidade Federal de Sergipe

**CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

SARA SAULO SOUZA SANTOS

ESSE PASSINHO É NOVO E NASCEU NA FAVELA

Explorando a Emergência do Brega-funk e do Passinho dos Malokas: A Criatividade da Rua
Rompendo Barreiras na Estrutura Escolar Estigmatizada

Aracaju/SE

2024

SARA SAULO SOUZA SANTOS

ESSE PASSINHO É NOVO E NASCEU NA FAVELA

Explorando a Emergência do Brega-funk e do Passinho dos Malokas: A Criatividade da Rua
Rompendo Barreiras na Estrutura Escolar Estigmatizada

Artigo apresentado ao Departamento de Dança, da
Universidade Federal de Sergipe como requisito para
obtenção de título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Prof. Edna Nascimento

Aracaju/SE
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus ancestrais pela sabedoria em criar manifestações tão lindas e que me potencializam e nutrem, fico honrada em saber que a persistência em se manterem vivos atravessa a matéria, agradeço pelas diversas estratégias que foram criadas para nosso saber não ser dizimado. Aos que vieram antes de mim, seu axé não foi apagado, nascemos e somos muitos.

Em especial a minha família por ter me dado a base para chegar até aqui, agradeço por cada choro e abraço, apesar das diferenças sei que acreditam em mim e querem me ver realizada e feliz.

Agradeço aos meus companheiros e companheiras de graduação que foram pedra fundamental para a minha permanência no curso, sem as nossas motivações e brincadeiras diárias, não sei se teria finalizado esse ciclo, pois a permanência na universidade é árdua e muitas vezes cogitei desistir. Igor, Fabiano, Nara, Dilly, Joanderson, Joyce, Rohana, Felipe vocês têm um lugar especial e sempre serão lembrados por mim.

A minha orientadora Edna Nascimento que teve disposição em me orientar nos últimos minutos do segundo tempo, agradeço por sua tranquilidade em conduzir a minha pesquisa, a banca, composta por, Rohana Fonseca, é um prazer ter você como avaliadora nesse encerramento da minha jornada acadêmica, pois sua presença é fundamental para a concretização deste trabalho, foi construído por você também. Seu conhecimento me inspira. Jussara Tavares, obrigade pelos saberes partilhados em aulas e experiências extracurriculares, conhecer a história dessas terras a partir do corpo foi muito significativo e poderoso para minha construção enquanto humano.

Agradeço a minha tia Suzana, por ter me ajudado logo no início da graduação com ajuda de custo, aquele dinheiro foi responsável por garantir as minhas passagens nos primeiros meses, agradeço a minha mãe Safira que fez reformas em roupas para pessoas no bairro em que morávamos, e me ajudou a garantir minhas presenças nas aulas, esse título também é de vocês. Ao meu pai por sempre reforçar que o conhecimento nos liberta, agradeço o seu exemplo, sendo o primeiro a finalizar uma graduação em nossa família,

Por fim, agradeço a mim por persistir no meu propósito e ter postura de finalizar esse ciclo, por vezes doloroso, mas recompensador, sinto meu rio interno fluir.

RESUMO

Este trabalho em formato de artigo, é um resultado de estudos do fazer popular subalternizado das manifestações, Brega-funk e Passinho dos malokas, pontuado a vivência pessoais em rua nas batalhas de passinho do Coletivo Bueiro, São Cristóvão/Se, assim como práticas pedagógicas em sala de aula com a oficina Brincando no Passinho idealizada por Jainara Batista, Rohana Fonseca e Sara Saulo, autorie deste artigo. Na disposição em analisar o surgimento dos estilos, processo criativo, bem como ambas se correlacionam, garantindo a expansão e permanência dessa cultura afro diaspórica brasileira.

Palavras-chaves: Afro diáspora, brega-funk, passinho, oficina, batalha.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
SOBRE O BREGA-FUNK.....	9
O PASSINHO DOS MALOKAS.....	12
CARACTERIZAÇÃO DO BREGA-FUNK.....	14
CARACTERIZAÇÃO DO PASSINHO DOS MALOKAS.....	16
VIVÊNCIA EM BATALHAS DE PASSINHO. RESPONDENDO A PROBLEMÁTICA.....	19
OFICINA BRINCANDO NO PASSINHO.....	22
2. CONCLUSÃO.....	26
3. REFERÊNCIA.....	28
4. ANEXO.....	30

1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar duas manifestações afro diaspóricas genuinamente pernambucanas, brega-funk e passinho dos malokas, atribuindo suas características, contexto histórico social na observação de como ambas se interligam e estabelece uma relação de codependência. Propõe destacar a importância política das danças apresentadas, pois se constituem em manifestações que muitas vezes são marginalizadas.

Para iniciar a análise, é essencial contextualizar historicamente o surgimento do brega-funk na capital de Pernambuco, Recife, em meados da década de 1980, nos bairros periféricos da cidade. Nesse período emergiu uma cena musical única que combinava elementos do brega, um gênero popular regional, com elementos do funk carioca. Os DJ¹s e MC², pioneiros desse movimento, realizavam apresentações para milhares de pessoas, provenientes de diversos bairros da capital pernambucana. Esses encontros noturnos eram marcados por duelos de MC's, dança, e uma atmosfera que mesclava diversão com tensão, devido à presença de violência, tráfico de drogas e rivalidade entre as comunidades.

Apesar da influência do funk carioca, os artistas do brega-funk já apresentavam seus próprios repertórios, incorporando elementos regionais e letras que refletiam o contexto local, marcado por conflitos e desafios enfrentados pelas comunidades periféricas. Ao longo do tempo, a popularidade do brega-funk cresceu, mas também contribuiu para intensificar os conflitos e rivalidades entre os diferentes grupos sociais na cidade.

Devido a esse cenário, por volta de 2004, uma ação policial pôs fim ao baile mais conceituado de Recife, o Baile do Rodoviário, enfraquecendo toda cena funk. O que restou aos MCs e Djs foi buscar novos caminhos de sobrevivência, e foi a partir dessa necessidade que foi estabelecida a estrutura para o que conhecemos hoje como brega-funk.

O termo passinho começou a ser usado nas favelas do Rio de Janeiro, berço do funk, a dança consiste em movimentos rápidos com as pernas e quadril, atualmente intitulado *passinho foda*, e é patrimônio imaterial cultural do Rio de Janeiro. Em Recife, os dançarinos do passinho dos malokas, que dançam os sucessos do brega-funk, seguem movimentos com os braços e a região da virilha. Ao certo não se sabe quem foi responsável por iniciar essa dança,

¹ Sigla em inglês para disc jockey, que pode ser traduzida como operador de discos, responsável por criar emixar músicas.

² Forma abreviada de Mestre de Cerimônias, responsável pela voz e canto.

porém a história mais popular relatada é que foi a partir de uma música de Shevchenko e Elloco, Gera Bactéria, lançada em agosto de 2018, que teria sido o ponto de partida do passinho dos malokas. Percebemos desde o início que a música se configura em um elemento de fundamental importância para que a dança possa acontecer.

Em 2017, conforme relatado no site G1 da rede Globo, houve uma sugestão criada por Marcelo Alonso, um web designer, referente a criminalização do funk apresentada no portal E-Cidadania. O presente portal, é um espaço em que nós enquanto cidadãos podemos apresentar sugestões legislativas e caso as mesmas recebam mais de 20 mil apoios, serão encaminhadas para a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, desta forma as discussões acerca de violação de direitos humanos e apologia a crimes rondavam a cena funk.

Apesar das inúmeras tentativas de repressão ao movimento funk, o mesmo segue ativo, assim como a capoeira, samba e o rap, manifestações que comumente são rotuladas como vadiagem, vale ressaltar que esses movimentos são resistência negra e a perseguição às mesmas é mais um reforço do racismo, silenciamento e apagamento cultural. Assim, embora haja uma resistência, o que se observa é uma expansão do gênero de maneira nacional e internacional, como pudemos observar com a apresentação da rapper Cardi B, no Grammys 2021, onde foi usado o trecho do remix em funk carioca da música ‘Wap’ produzido pelo Dj Pedro Sampaio.

Tendo em vista todo o exposto, e centralizando nessa pesquisa o estudo referente à musicalidade e corporalidade no brega-funk e passinho dos malokas, nosso objetivo é elucidar de que modo é possível identificar como os movimentos no passinho dos malokas se transformam e se alteram durante as batalhas, assim como nos intervalos em que elas acontecem. Isso ocorre em consonância com as alterações das músicas do brega-funk, atribuindo pontuações de práticas pedagógicas de ensino na escola. Essa análise torna-se fundamental para compreender não apenas a dinâmica das batalhas, mas também para integrar o ensino do gênero nas práticas educacionais. Para tanto, foram consideradas experiências pessoais enquanto participante de batalhas de passinho, bem como a didática aplicada para o ensino do gênero, além da contextualização dos estilos citados, abordagens de fundamentos da improvisação em dança e organização musical.

Para isso, as batalhas que aconteceram no ano de 2019, pertencentes ao Coletivo Bueiro, em São Cristóvão - SE, no bairro Rosa Elze, será a amostra e verificação de como a música brega-funk influencia os processos criativos em dança, assim como também as pontuações pedagógicas que aconteceram na Oficina Brincando no Passinho, ministrada na escola Fundamental Sérgio Francisco da Silva, localizada no Bairro Lamarão, Zona Norte de Aracaju, para estudantes do ensino fundamental II, no ano de 2020.

Para tanto, foi delineado os seguintes objetivos específicos: Contextualizar historicamente o surgimento do passinho dos malokas e o brega-funk; identificar e discutir sobre as vivências dos participantes nas batalhas de passinho do Coletivo Bueiro; Identificar as relações entre a música brega-funk e a sua influência nos processos criativos do passinho; discutir sobre a importância da música brega-funk, como estímulo para criação da dança, passinho dos malokas.

Levando em consideração que o presente artigo visa acompanhar duas manifestações que vem ganhando destaque no Nordeste, o brega-funk e o passinho dos malokas, e sabendo que esses movimentos ocorrem primordialmente em ambientes periféricos, em função disso, a banalização dos mesmos é notável. Portanto trazer esses movimentos para o meio acadêmico traz um novo olhar, promovendo uma ruptura da visão normativa e eurocêntrica costumeiramente direcionadas a estes movimentos.

Assim, faz-se necessário um olhar abrangente para as diversas formas de expressão da dança, porque cada uma delas apresenta suas singularidades e importância, pois revelam o modo como expressa a sociedade, onde se encontram, ressaltando seus costumes, suas vivências e filosofia que rege a vivência dos seus dançarinos. Sendo assim, dançar também constitui um ato político, porque é através dela que determinada comunidade expõe para o mundo o modo como se constitui, e tira da invisibilidade os seus moradores.

Ponto que essas duas manifestações, o brega-funk e o passinho dos malokas, estão em constante trânsito, continuidade, invenção e reinvenção, portanto, enquanto dançarem de um ambiente acadêmico, e também de rua, observo um tratamento destoante na valorização e reconhecimento da prática da dança entre esses dois espaços. Desse modo, como pesquisador em dança e tendo em vista as reflexões postas aqui, a escrita deste artigo irá passar por tais conceitos como a pesquisa de movimento, a improvisação e processo criativo, que se constituem nos pilares fundamentais, para a compreensão do que se conhece

hoje como o Passinho dos Malokas, dialogando paralelamente com os elementos da música, ritmicidade e melodia, propondo assim uma reinvenção da dança e do dançarino.

Sobre o brega-funk

De início salienta-se que o termo brega-funk possui variações na escrita, como, brega funk, bregafunk, brega-funk, neste artigo foi escolhido a utilização do terceiro, devido a normas acadêmicas, pois o termo ainda não é registrado e conjugado. Assim como estar exposto em sua configuração gramatical, o brega-funk é a união dos estilos brega e funk, entretanto não é a soma mecânica desses estilos musicais.

Para melhor compreensão do surgimento desse estilo musical, o produtor Dany Bala, pioneiro no ramo brega-funk, vai servir de mapa cronológico com suas produções que dataram momentos importantes para a evolução do estilo, e a série de matérias sobre o brega-funk do site Vice Brasil, documentário do Spotify *O bregafunk vai dominar o mundo* e o documentário do Diário de Pernambuco *Movimento diferente: o som e a imagem do brega funk*.

O funk pernambucano teve grande avanço nos bailes que aconteciam na região metropolitana de Recife. A primeira matéria do site Vice Brasil sobre o brega-funk: O nascimento do brega-funk e a história de sobrevivência dos MCs do Recife, relata sobre as festas que reuniam milhares de pessoas e tiveram duração até o início dos anos 2000, sendo as mais famosas o baile do Clube Rodoviário, também chamado de Baile do Rodó, (no bairro de Imbiribeira, Zona Sul da cidade) e o Baile do Téo (em Casa amarela, Zona Norte).

Nas festas a presença de vários DJs e MCs contagiaram o público que são majoritariamente jovens e adolescentes. Nas batalhas de Mcs representar seu bairro era rotina nos concursos de MCs, assim como afirma MC Leozinho, que canta desde os 16 anos, “Nóis ia pro baile e sempre tinha um que ia no palco representar o bairro, e eu sempre contava pra representar o meu bairro, desde pequeno, na rua” (Leozinho, 2018). Foi por meio dos concursos e shows de MCs locais que os primeiros Mestres de Cerimônia da cidade foram surgindo e ganhando espaço, a referência do funk carioca era muito presente, inspiração pelos sons dos pioneiros MC Galo, DJ Marlboro. Cidinho e Doca, MC Frank, Tikão e outros, porém as letras traziam características regionais, por exemplo, a rivalidade entre as comunidades.

Por conta de todo esse contexto os bailes foram ficando cada vez mais violentos, e isso reverberava no dia a dia das comunidades, muitas pessoas eram impedidas de visitar outros bairros e caso visitasse acabava sendo agredida pelo bonde³ rival.

Com o aumento constante da violência, intervenções brutais e cada vez mais pesadas foram provocadas, perseguição, sequestro e desaparecimento, espancamentos e mortes, foram algumas das ações policiais que se tornaram frequentes na saída após o término dos bailes. Até que por volta de 2004 uma operação policial pôs fim ao Baile do Rodoviário, resultando em diversas prisões. Com o fim do baile do Rodoviário a cena funk ficou deslocada e enfraquecida.

Em contraponto aos funkeiros existia um estilo ganhando visibilidade nas casas noturnas e nos programas de entretenimento na hora do almoço, o brega pop, artistas como Reginaldo Rossi, Labaredas, Chama do Brega, Conde Só Brega, que compunham a sonoridade local com músicas lentas romântica, com a do Ceará o forró eletrônico, característico das bandas Aviões do Forró, Saia rodada e Cavaleiros do Forró, e a do Pará com o a influência do tecnobrega e banda Calypso. Esse estilo estava ganhando força na cena não somente recifense, mas em todo o nordeste, entre 2008 e 2009.

Assim, MC Leozinho percebeu que precisaria gravar uma música brega para poder fazer shows, não se sabe ao certo, mas é de concordância entre os MCs que Leozinho foi o primeiro funkeiro a atravessar a fronteira entre o funk e o brega, desse modo a música *Dois corações* gravada pelo cantor e o DJ Serginho foi a primeira tentativa de atravessamento entre os estilos, funk e brega, porém, ela seguia os princípios do brega, letras românticas e ritmo mais lento, entretanto a figura de um MC cantando brega chamou bastante atenção do público e a música foi um sucesso. Os demais MCs perceberam que investir nesse tipo de sonoridade seria vantajoso, abrangendo em escala maior seu público e oportunizando chances de shows e apresentações. Sheldon, Tocha, Dadá Boladão, Troia, Shevchenko, Elloco, enfim, os MCs veteranos do brega-funk passaram por esse processo.

³ Grupo de amigos que saem para se divertir, nesse contexto estar muito associado aos bairros, dessa forma os mesmo criam uma estética única para esse diferenciar, o uso de roupas combinando é uma delas.

MC Leozinho continuou sua busca por novos *beats*⁴ junto com DJ Serginho, dando novas *levadas*⁵ para a música *Dois Corações*, nesse momento as batidas do funk começam a se fundir com as do brega. Com influência de Leozinho uma dupla é formada, MC Cego e MC Metal, eles foram fundamentais para o transformação do brega-funk, misturando instrumentos próprios do brega, a guitarra, baixo, bateria com viradas de tamborão⁶ e ritmo mais acelerado, foi nesse estilo que em 2009 eles lançaram a música, *Melô do Amigo Safado*, com participação da Mary Campbell, a Beyoncé de Recife. Essa música datou outro marco na história do brega-funk, possibilitando para outros MCs caminhos a serem percorridos.

O brega-funk foi aos poucos crescendo na capital pernambucana, a música de MC Metal e Cego, *Posição da rã*, impulsionaram o movimento para uma visibilidade nacional, lançada em 2011 com produção de Dany Bala, produtor pioneiro na cena brega-funk. A música destacou-se por apresentar uma configuração sonora diferentes das músicas até então gravadas pelos MCs. As BPM, batidas por minuto, estavam mais aceleradas assim como explica Dany Bala em entrevista para o site Vice Brasil:

Bala indica que neste momento o brega distanciou-se do funk carioca e abriu uma conexão com ritmos caribenhos como o ragga e o reggaeton — por vezes ele até prefere chamar a batida de “raggafunk”, em vez de bregafunk. “Se a gente for comparar, o bregafunk é mais puxado para o reggaeton. Até antes era mais parecido com o funk, com um BPM [batidas por minuto] um pouco mais lento. O BPM de funk é 130. ‘Posição da Rã’, eu fiz em 150 BPM, coisa que o pessoal do funk tá fazendo agora no Rio.” (ALBUQUERQUE apud BALA, 2018)

Outras músicas foram surgindo e o ritmo foi ficando cada vez mais rápido. Em 2012, músicas como, *Arte do Prazer* dos MC Afala e Case, *Fio Dental* dos MC Sheldon e Boco e DJ Nando, marcaram essas transições de ritmos. Instrumentos como surdo e repique são agregados nas produções musicais. Logo Dany Bala cria sua própria marca e a segue nas demais colaborações com outros MCs: Troia, Dadá Boladão, Tocha e Dadá, Shevchenko e

4 Palavra da língua inglesa que significa bater ou pulsar. É um ritmo cadenciado, batida usada nas batalhas de MCs e rappers

5 Associado ao ritmo, andamento sonoro.

6 Batida, beat, característico do funk carioca, com ritmo acelerado e mesclagem bateria eletrônica R-8MK-II e com um espírito das escolas de samba

Elloco, entre outros. As BPM são o grande diferencial, os próprios MCs já solicitavam a quantidade que queriam e a tendência era só o avanço das mesmas. Passando de 150 BPM para 170, atualmente.

No início de janeiro de 2018, uma adolescente lança um videoclipe amador com duas amigas. O produtor musical, comovido pelo desejo da garota em se tornar cantora, cedeu o seu estúdio nada pomposo, em que não havia isolamento acústico e a voz tinha que ser gravada dentro de um guarda-roupa para evitar barulhos externos. Logo, a música *Envolvimento*, deu visibilidade a artista MC Loma e suas amigas as Gêmeas Lacração, tornando-se o *hit* do Carnaval de 2018. Tendo em vista todo esse sucesso nacional o clipe foi gravado pela produtora *KondZilla*, uma das responsáveis pelos sucessos do funk brasileiro. A MC Loma e as Gêmeas Lacração foram responsáveis por difundir e popularizar o movimento brega-funk pelo Brasil, enfim o movimento que dominava as periferias do Recife há cerca de uma década estava se expandindo.

Os MCs Shevchenko e Elloco, veteranos do movimento, percebendo a dimensão que o brega-funk tinha alcançado e criaram sua própria produtora, A Tropa Produtora, que reuniu quinze MCs parceiros como: Biel Xcamoso, Maneiro na Voz, O Bruto, Tinho do Coque, MC Draak, Gui da Tropa, entre outros. Valorizando assim a coletividade e união entre os mcs, tornando o movimento mais agrupado, possibilitando acesso para a nova geração do brega-funk, visando também o distanciamento de jovens, crianças e adolescentes do tráfico de drogas e a criminalidade, gerando também a harmonia entre as comunidades recifenses.

O passinho dos malokas

De início é importante salientar que o passinho dos malokas muitas vezes é intitulado como brega-funk, portanto ratifica-se que eles são movimentos com características próprias, um é a música (brega-funk) e o outro a dança (passinho dos malokas), essa confusão pode se dar pela imbricação entre essas duas manifestações, o que será analisado mais à frente neste artigo. Outro ponto, é o termo maloka, que se constitui em uma gíria usada para designar um menino favelado, muitas vezes associado a bandido ou ladrão.

Pela escassez de documentos, materiais e afins que retratam a história e surgimento do passinho dos malokas, este estilo, genuinamente pernambucano, vale ressaltar que esse movimento é recente. O documentário do Diário de Pernambuco *Passinho dos Malokas*, o

documentário do Spotify *O bregafunk vai dominar o mundo* e a matéria do Correio Braziliense *Entenda o passinho dos malokas, fenômeno que está renovando o brega-funk*, vão servir de aparato teórico deste artigo.

Com o enorme avanço do brega-funk e sua visibilidade, danças espontâneas ao ritmo da música foram surgindo, porém elas não tinham sido denominadas, até então era só uma resposta corporal ao estímulo sonoro. Não se sabe ao certo como o passinho dos malokas surgiu, todavia é de comum acordo entre os dançarinos que a música *Gera Bactéria* dos MCs Shevchenko e Elloco, lançada em agosto de 2018, foi ponto de partida para a difusão do estilo, um trecho da música sugere “Esse passinho é novo e nasceu na favela / Nós manda embrazada lá dentro do brega” (SHEVCHENKO E ELLOCO, 2018). A dança empregada no clipe, faz com que uma amplitude de pessoas sejam alcançadas e conheçam esse novo movimento pernambucano, logo o clipe se torna o primeiro registro da dança passinho dos malokas.

Era comum nas comunidades ver adolescentes dançando swingueira, ritmo baiano influenciado pelo axé, muitos dançarinos migraram da swingueira para o passinho dos malokas. Com a consolidação do movimento, grupos de passinho foram surgindo, um dos pioneiros é o Os Magnatas do Passinho S.A (sigla para o bairro Santo Amaro), composto por vinte jovens do gênero masculino, que alcançou a fama na internet ao publicar um vídeo dançando (no vídeo só tem sete integrantes) *Barulho da kikada*, dos novatos MC Niago e Seltinho, em outubro de 2018. A coreografia que é marcada por tapinhas no rosto e movimentos pélvicos, se tornou um viral (referente a conteúdo que se espalha rapidamente) nas redes, sendo reproduzida por inúmeros canais de dança e entrando para o repertório de cantores de forró, como Wesley Safadão, Solange Almeida e Gabriel Diniz.

Outros grupos foram aparecendo e se destacando na cena, os Ozz malokas do Recife, do bairro de Ibura, Os Loucos do Passinho, de Pascoal, os Moleques da Base, também de Pascoal, As do Passinho S.A, predominantemente feminino, do bairro de Santo Amaro, As Passinho do Coque, feminino, do Coque, são alguns dos grupos em destaque na época. Os membros usam uniformes, regatas com estampas, que lembram as vestimentas das torcidas organizadas.

Diante dessa cena crescente de grupos de passinho, o grupo Os Magnatas do Passinho S. A, decidiram criar um encontro no Parque 13 de Maio, Centro de Recife, esse foi o

primeiro encontro de Passinho. Com o intuito justamente de propor interações entre os diferentes grupos. Na sequência outros encontros foram sendo criados, digitais influencers também decidiram propor esses encontros como meta, quando eles alcançavam estimada quantidade de seguidores, promoviam então encontros como forma de recompensa ao seu público. Seguidos do primeiro encontro de passinho dos malokas, como ficou intitulado, esses foram outros que se destacaram: O de Vytor Senna, no Parque 13 de Maio (6 de janeiro), e de Maria Clara (do grupo As do Passinho), no Bairro do Recife, em 8 de janeiro.

Depois que os principais músicos do brega-funk, Dany Bala, Batidão Stronda e DG, se mudaram para São Paulo para trabalhar com grandes produtoras: GR6 e Start Music, a cena em Pernambuco abriu espaço para outros produtores como: DJ Barca, JS e Marley no Beat. Eles são os responsáveis por definir as batidas da dança aqui citada, conhecidas como *batidão dos malokas*. A vertente é marcada por batidas eletrônicas agudas e velozes, responsável por evocar movimentos frenéticos da região pélvica e consequentemente da virilha. Essas mudanças para adaptação da música para a dança torna os movimentos unificados, contribuindo para visibilidade do estilo fora da cidade pernambucana.

As movimentações da dança sofrem alterações de acordo com a região e o sujeito dançante, isso se dá também pela proximidade que os dançarinos têm com outras linguagens como o break, vogue, swingueira, o passinho foda, o passinho do romano, dentre outras manifestações periféricas, ou seja, por conta da memória corporal, movimentos dessas outras danças acabam sendo incorporados em algumas improvisações e coreografias do passinho dos malokas. Algumas movimentações características são: sarrada, puxada, laço, jogada de ombro, queda de ombro, marcação de pés, marcação do quadril, muitos movimentos que são criados acabam não sendo intitulados, pelo fato da dança ainda estar nos seus primórdios, a investigação da mesma está em processo. A gestualidade que acompanha o que a letra sugere também é um quesito presente, assim como movimentos sexuais, mesclando conotação erótica e com irreverência.

Um fator que contribui muito para que o movimento se difunda são as redes sociais, principalmente o Instagram, TikTok e Youtube, criação de perfis em que são compartilhadas as coreografias, facilitando ao público assistir e aprender, dessa forma se disseminando e atingindo praticamente todo o país.

Caracterização do brega-funk

As batidas por minutos, tem sido um dos grandes diferenciais do movimento Funk, a música eletrônica feita nas periferias brasileiras, ao longo dos anos sofreu muitas alterações, destacamos o Furacão 2000, grupo que se consagrou como um dos pioneiros do funk Br, recheado de influência do Bass Music, termo que surgiu no Reino Unido por volta de 2000, e traz uma mescla de gêneros como dubstep drum and bass, trap, uk garage, R & B, wonky, house, grime e outros estilos eletrônicos. O funk se alimentou das produções realizadas especificamente na cidade de Miam, Miam Bass ou Booty Miam como era conhecido o ritmo que movia os bailes nos guetos do Estados Unidos nos anos 80 e se tornou viral também na América Latina.

Vale salientar que no Brasil na década de 70 vivíamos a ditadura militar, censura, perseguição, tortura e mortes, com isso estratégias foram criadas para garantir a diversão e resistir a repulsa ditatorial, racista, classista e segregadora que assolava a nação. O Black Rio, como ficou conhecido os bailes noturnos na cidade do Rio de Janeiro, a partir de uma matéria escrita pela Jornalista Lena Farias, que fazia uma comparação entre os bailes e o movimento Black Power Estadunidense, causou grande preocupação a classe média tanto quanto as autoridades, pois esse movimento oferecia empoderamento e autoestima onde era raro ver pessoas negras em posição de destaque e se amando.

Em contrapartida, devido a essa ascensão do movimento Black Rio, houve tentativas de criminalizar os bailes, gerando uma rivalidade geracional, em benefício de um país separatista branco e progressista na desculpa de uma boa música. Tal divisão se expressou na rivalidade entre o samba raiz e o Black Rio, traduzido pela imprensa e pela intelectualidade (branca) como um conflito entre artificialidade importada e autenticidade afrobrasileira.

A celebração não podia parar, e não parou, pelo contrário, só se expandiu, o movimento que acontecia nos subúrbios da Zona sul do Rio de Janeiro, já estava se popularizando no Brasil, muito impulsionado pela imprensa. Foi se fazendo necessário, incorporar elementos da cultura Brasileira, Fernando Luís Mattos da Matta, conhecido como Dj Marlboro, foi o responsável, por lançar o primeiro disco, no final da década de 80, o então intitulado “Funk Brasil” em que a sonoridade eletrônica do batidão já estava incorporada, um detalhe interessante foi o uso de dançarinos ou até mesmo colegas radialistas do dj, pois segundo Marlboro não existia Mc’s. O batidão então se tornou um símbolo do Funk br, a base eletrônica que contém elementos das escolas de samba, se tornou viral.

Uma análise detalhada das camadas musicais do brega-funk revela a diversidade e complexidade do gênero. Entre essas camadas, destacam-se o Volt-mix, encontrado nos eletros funk ou Miam Bass, que incorpora elementos eletrônicos e ritmos pulsantes. Além disso, a presença de samples brasileiros, como conga, atabaque e berimbau, especialmente notáveis na vertente BR, contribuíram para a criação do característico Tamborzão, marcando uma fusão única entre elementos eletrônicos e percussivos da cultura brasileira.

Em suma, a caracterização do brega-funk representa uma evolução significativa dentro do cenário musical brasileiro, incorporando elementos diversos que vão desde as influências do Funk tradicional até a mescla com gêneros internacionais como dubstep, trap e R&B. Originado nos subúrbios do Rio de Janeiro, o funk se tornou um fenômeno nacional, impulsionado não apenas pela resistência cultural em meio à ditadura militar, mas também pela busca por identidade e representatividade das comunidades marginalizadas. A incorporação de elementos da cultura brasileira, como os ritmos das escolas de samba, demonstra a capacidade desse movimento de se adaptar e se reinventar, mantendo sua essência enquanto absorve novas influências. O surgimento do Tamborzão como símbolo do funk brasileiro reflete essa síntese entre o eletrônico e o tradicional, representando uma verdadeira revolução sonora que transcende barreiras culturais e geográficas.

Caracterização do Passinho dos molakas

“Meter o passinho ou meter dança” são expressões que usamos para informar que vamos começar a dançar, o swing, gingado e balanço também são costumeiramente usados para designar como seria esse corpo dançante, sua característica: intensidade, tempo e caráter⁷.

O passinho dos malokas como já foi citado anteriormente, foi surgindo à medida que se fez necessário recriar a forma que os pernambucanos seguiam a sonoridade produzida, até então muitos dançarinos participavam de grupos de swingueira ou pagode baiano como

⁷ Impressões, ambientações, climas, estados de humor e sentimentos surgidos pela música, dança e/ou pela associação de ambos.

também é conhecido o ritmo, a dança traz consigo movimentos fortes de quadril e cintura combinados a movimentações de braços e cabeça, como jogadas de cabelo, assim também com forte presença do rebolado e marcações utilizando mãos e pés.

À medida que os MC's e Djs pernambucanos começaram a investigar a nova sonoridade que se tornou o brega-funk, logo os dançarinos, também notaram que ali estava nascendo uma nova expressão, autêntica e regional. Pois até o momento a dança que invadia as periferias era a swingueira, porém com a ascensão do brega-funk as movimentações características do ritmo baiano já não supriam a demanda sonora recifense, a partir desse momento uma nova era surgiu, assim como pontua os Mcs Shevchenko e Elloco “esse passinho é novo e nasceu na favela, nos manda embrazado lá dentro do brega”, trecho da música Gera bactéria.

A prática em dança requer memorização, dedicação, entrega e repetição, desse modo destrinchando a prática corporal do passinho observamos como o sujeito dançante transforma a dança, pois o seu repertório influencia o que é praticado, pensamos então em passinhos singulares e únicos, porém com o mesmo referencial do passinho dos malokas.

A essência do passinho dos malokas é caracterizada por uma série de elementos tais como:

Corpo Brincante

O corpo em movimento é fundamental para a expressão do passinho dos malokas, evocando a ludicidade e a liberdade típicas das brincadeiras infantis, por exemplo, amarelinha e soltar pipa. Isso sugere que a dança não é apenas uma série de passos coreografados, mas sim uma expressão genuína do espírito lúdico. Um passo que sugere esse movimento de soltar pipa é a jogada de ombro onde é lançado o braço cruzando na altura do peito em direção oposta e retorna com o ombro desenhando um círculo no espaço, de trás para frente.

Ausência de Cartilha de Movimentações

Assim como nas brincadeiras de infância, não há uma cartilha rígida de movimentos predefinidos no passinho dos malokas. Isso ressalta a improvisação e a criatividade dos dançarinos, que se inspiram nas experiências de brincadeira para criar seus movimentos. Regras Implícitas: Embora não haja uma lista explícita de movimentos, existem regras tácitas que guiam a prática do passinho dos malokas. Estas podem incluir princípios estéticos, técnicos ou culturais que orientam a forma como os dançarinos se movem.

Movimentos Característicos

Alguns movimentos são decisivos para diferenciar os estilos dentro do passinho dos malokas. Estes incluem a jogada de ombro, marcações de pés e quadril na região da virilha e joelhos flexionados, além de jogadas de cabeça e cabelo, que remetem a movimentos presentes no Vogue⁸, assim como o indispensável rebolado. Esses elementos contribuem para a identidade única e reconhecível do passinho dos malokas.

A marcação de quadril e pés seguem a mesma posição inicial, joelhos flexionados, pés abertos, com calcanhar semi direcionado a frente, sem tanta amplitude, apenas para possibilitar movimentação no quadril. Dessa forma, a movimentação alterna entre pisada e elevação do pé até um pouco abaixo da altura do joelho, alternando entre os dois lados, seguindo a marcação binária da música, essa é uma das possibilidades. A segunda com foco no quadril, o mesmo se torna um pêndulo, transferindo o peso de um lado ao outro. Na abordagem referente à oficina será detalhado as bases necessárias para a corporalidade maloka.

Em resumo, o passinho dos malokas é uma manifestação cultural que incorpora elementos do corpo brincante e das movimentações das brincadeiras de infância, resultando uma dança que é ao mesmo tempo livre, criativa e enraizada em tradições culturais e estéticas específicas. Sendo assim é uma manifestação cultural profundamente enraizada na experiência da afro diáspora. Nesse contexto, o uso do quadril adquire uma relevância significativa, pois é uma característica distintiva das danças afro-brasileiras e africanas, que têm uma longa história de resistência e expressão cultural.

O movimento do quadril no passinho dos malokas não é apenas uma técnica de dança, mas sim uma manifestação da herança cultural africana, que valoriza a sensualidade, a expressão corporal e a conexão com ritmos musicais específicos. É a manifestação física da energia criativa que permeia toda a existência. Nas tradições da dança afro e em muitas outras práticas culturais ao redor do mundo, o quadril é celebrado como o centro da vida, a fonte da energia vital e da criação.

Além disso, o uso do quadril no passinho dos malokas pode ser entendido como uma forma de resistência cultural e afirmação da identidade negra. Por meio desses movimentos, os dançarinos reivindicam espaços de expressão e celebram suas raízes culturais, desafiando

⁸ Estilo de dança que nasceu na cena LGBTQ+ e cultura *ballroom*, inspirado nas poses das modelos e na estética adotada pela revistas de moda

estereótipos e narrativas dominantes que historicamente tentaram suprimir a expressão afrodescendente.

Vivências em batalhas de passinho. Respondendo a problemática

Tendo em vista tudo o que foi discutido e a problemática sugerida, reitero ela aqui: de que modo pode ser possível identificar como os movimentos no passinho dos malokas, se transformam e alteram durante as batalhas, assim como nos intervalos em que elas acontecem, isto em consonância com as alterações das músicas do brega-funk, atribuindo pontuações de práticas pedagógicas de ensino na escola. Será apontado neste tópico observações, assim como relatos pessoais como participante ativo, corpo dançante do estilo, professorie e pesquisadorie em dança.

A improvisação em dança é uma prática na qual os dançarinos criam movimentos no momento, sem uma coreografia pré-determinada. É uma forma de expressão que valoriza a liberdade de movimento, a criatividade e a espontaneidade. Na improvisação, os dançarinos podem explorar uma ampla gama de movimentos, gestos e expressões corporais, muitas vezes em resposta a estímulos como música, espaço, emoções ou interações com outros dançarinos, dessa forma as batalhas são facilitadoras nesse processo.

Em, 2019, nos encontros quinzenais na Praça Horácio Souza Lima (conhecida como Praça do Rosa) São Cristóvão-Se, organizadas pelo Coletivo Bueiro, aconteciam as batalhas de passinho, que se dividiam entre a competição individual e em dupla. A batalha era mista, ou seja, a disputa se dava entre homens, mulheres e não-binários. Ao som do brega-funk, os competidores demonstram suas habilidades para o adversário em busca do título de melhor da noite. Algumas regras precisavam ser seguidas: precisa haver os passos característicos do passinho dos malokas, marcação entre movimento e a música, sincronia (no caso da dupla), e não pode haver contato físico com o adversário.

Durante as batalhas de passinho, é evidente uma fusão entre improvisação e pequenas células coreográficas previamente incorporadas ao repertório do passinho dos malokas. As letras das músicas também desempenham um papel importante, influenciando gestos específicos e movimentos. Nesse contexto, a música se revela uma ferramenta essencial para a criação de novas sequências de passos. Enquanto a difusão do passinho nas redes sociais

tende a se dar por meio de coreografias pré-estabelecidas, nas batalhas, a dinâmica é distinta. Aqui, a ação é imediata, uma espécie de diálogo coreográfico em tempo real, onde os dançarinos respondem instantaneamente aos movimentos do oponente, criando uma interação espontânea e fluida.

Dessa forma, memórias corporais são acionadas, e frequentemente surgem movimentos característicos de outras linguagens da dança. O ato de improvisar permeia outras esferas, fundamentado na inovação e na investigação em dança. Conforme Marina Elias (2015, p.2) pontua,(...) “a improvisação não se resume a organizar de maneira espontânea estruturas recorrentes que já se têm previamente; ela representa um espaço de reinvenção do movimento. “ Na pesquisa de movimento proposta nas batalhas, é de suma importância impressionar o público, porque eles decidem o vencedor da batalha, assim é necessário expor movimentos novos a todo instante e quanto mais inovadores eles forem mais chances de ganhar. Naturalmente, a pesquisa de movimento, agregada a improvisação surge, sendo assim é necessário agir no jogo e atender a demanda solicitada.

Neste parágrafo, destaca-se a importância da música, especialmente o brega-funk, como uma ferramenta fundamental na pesquisa de movimentos e na reinvenção da dança e do dançarino. A música não apenas acompanha, mas também inspira e guia os movimentos dos dançarinos durante as batalhas de passinho. Muitos dos participantes têm uma forte conexão com o brega-funk, não apenas por sua familiaridade e fácil acesso, mas também pela sua percepção sonora, que influencia diretamente a fluidez e a naturalidade dos movimentos.

O improvisador não é apenas um executante passivo, mas desempenha um papel ativo e reativo na criação dos movimentos. Ele não apenas recebe estímulos do ambiente e da música, mas também contribui ativamente para a evolução e a criação de novos movimentos. Portanto, a improvisação transcende a mera exploração de movimentos preexistentes e se torna um processo dinâmico e criativo, no qual os dançarinos são agentes ativos na construção do movimento e da expressão corporal.

Como já exposto, a linguagem citada, ainda está nos seus primórdios, em formulação e categorização, os praticantes em seus distintos locais de fala, possuem participação ativa na construção dessa dança. Com a grande disseminação e popularização do estilo, principalmente entre as periferias é difícil defini-lo ainda, ele está se transformando em um

ritmo muito acelerado, novas coreografias, novos movimentos, isso tudo deriva de uma pesquisa minuciosa a partir da improvisação e pesquisa do movimento, sendo a música um dos principais estímulos. Os grupos, principalmente, têm uma preocupação em elaborar novas coreografias de acordo com o lançamento das músicas do brega-funk.

A improvisação em dança no passinho dos malokas permite o desenvolvimento de uma estética própria da dança, maturação de movimentações, reafirmação política e percepção do dançarino enquanto criador, pois apesar de haver coreógrafos líderes de grupos de passinho dos malokas, que conduzem as coreografias, existem também uma rede autônoma de dançarinos que estão estudando e organizando, buscando afirmar esta dança como movimento cultural e artístico.

Tendo em vista todo esse contexto, as batalhas de passinho exercem papel importante na pesquisa de movimento, pois ela exige que seus dançarinos transitem por outros lugares, saiam da zona de estagnação e apresentem novas possibilidades de movimentações, isso tudo imbricado a música, à medida que lançamentos de brega-funk acontecem as movimentações devem estar de acordo com as novas batidas. Portanto um ótimo espaço de troca para isso ocorrer são as batalhas de passinho.

Trago agora a narrativa para a primeira pessoa. Foi no dia 17 / 10 / 2019 em que batalhei a primeira vez, o formato foi em dupla e estava junto de Nara batista, até o momento também estudante do curso de Dança (UFS), em dupla é fundamental haver sincronia, não tínhamos ensaiado, apenas sabíamos os princípios básicos: contratempo, marcações de pés, jogadas de ombros, rebolado, o famoso gingado com a região da virilha e muito carão, aliás estávamos desafiando duplas rivais, o público ao redor nos cercando a tensão só aumentava, fomos passando de fase, a cada rodada uma nova dupla e é exigido inovação, fluxo contínuo. Chegamos ao final, éramos Saulo e Nara, contra a dupla emblemática: Quésia⁹ e Pérola¹⁰, foi um verdadeiro show, tudo que está ao redor é apto para adentrar a cena, a exemplo de objetos e acessórios, ressignificar seu uso habitual, direcionamento a atenção a ele, o foco é dominar a cena, o que entendemos academicamente como improvisação em tempo real, estava acontecendo ali sem ninguém dizer uma palavra. Pontuo que nenhuma das pessoas que

9 Travesti, atriz e apresentadora.

10 Travesti multiartista.

estavam batalhando desconheciam a linguagem, o que facilita a criação, as memórias corporais inundam a praça, e eu via corpos brincantes.

As batalhas de passinho funcionam como um verdadeiro laboratório de pesquisa de movimento e criação, onde os dançarinos têm a oportunidade de experimentar e desenvolver novas técnicas, movimentos e coreografias em tempo real. Durante esses eventos, os dançarinos são desafiados a improvisar e responder aos movimentos dos oponentes de maneira rápida e criativa. Essa pressão do momento, combinada com a atmosfera competitiva e o estímulo da música do brega-funk, estimula os dançarinos a explorarem seus limites e a testarem novas ideias.

Além disso, as batalhas de passinho proporcionam um ambiente propício para a troca de conhecimento e influências entre os participantes. Os dançarinos têm a oportunidade de observar e aprender com os movimentos e técnicas uns dos outros, incorporando essas influências em seu próprio estilo e repertório de dança. Essa interação constante promove um ciclo de inovação e evolução, onde os movimentos e coreografias são constantemente aprimorados e reinventados.

Outro aspecto importante é o papel da música do brega-funk como catalisadora desse processo criativo. As batidas e ritmos envolventes da música fornecem um impulso adicional para os dançarinos, inspirando-os a criar movimentos que estejam em sintonia com a música e que cativam o público. Assim, a música não apenas acompanha a dança, mas também influencia diretamente os movimentos e a energia dos dançarinos, alimentando a criatividade e a expressão artística durante as batalhas de passinho.

Oficina Brincando no Passinho

Em, 2020, no componente Estágio Supervisionado em Ensino de Dança III, surgiu a oficina intitulada *Brincando no Passinho*, sendo as proponentes Rohana Fonseca¹¹, Jainara Batista¹² e por mim, Sara Saulo, devido ao período pandêmico que vivenciávamos, a oficina ocorreu de forma remota, sendo no contraturno dos estudantes do ensino Fundamental II da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sérgio Francisco da Silva, localizada no Bairro Lamarão, Zona Norte de Aracaju-Se.

¹¹ Licenciada em Dança, pesquisadora e empreendedora, Ceo da Bem Odara.

¹² Licenciada em Dança, arte-educadora atuante no ensino infantil.

A proposta foi uma interlocução entre a Secretaria Municipal de Aracaju e a Universidade Federal de Sergipe a partir dos docentes Daniel Moura e Clécia Queiroz, com o intuito de introduzir oficinas de Dança em escolas da rede municipal. Tendo em vista o público alvo, elaboramos um plano de ensino, detalhando os objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação. De antemão foi encaminhado um questionário via google forms como diagnóstico para a turma.

Tivemos um total de 35 inscrições para a oficina, o que nos permitiu traçar um perfil inicial sobre os alunos participantes. Ficou evidente que muitos deles nunca tinham tido experiência anterior em oficinas de dança, revelando um interesse novo e uma oportunidade de exploração nesse campo. Ao analisar as respostas, observamos uma forte presença dos fenômenos TikTok e Funk, o que nos proporcionou uma compreensão mais aprofundada das preferências e influências dos alunos. Vale ressaltar que a faixa etária dos participantes estava entre 11 e 16 anos, uma faixa que coincide com o público-alvo do TikTok, uma plataforma que se popularizou por meio de tendências e desafios virais.

Naquele momento, o TikTok estava em ascensão no Brasil, tornando-se uma parte significativa da cultura digital dos jovens. As tendências e desafios do TikTok têm um caráter lúdico e gestual, o que atrai especialmente as crianças e adolescentes, e isso ficou evidente nas respostas dos alunos. Por outro lado, o Funk, um gênero musical presente nas periferias de todo o Brasil, também estava fortemente representado nas preferências dos alunos. O Funk não apenas oferece uma sonoridade única, mas também está intrinsecamente ligado à cultura e à identidade das comunidades, refletindo a estética, os valores culturais e as tradições ancestrais da diáspora africana no Brasil.

A compreensão do contexto dos alunos e a adaptação das atividades da oficina às suas experiências foram impulsionadas pela incorporação de elementos do TikTok e do Funk, especialmente pela utilização da base sonora do brega-funk, sem a inclusão da letra. Integramos movimentos de danças virais, não apenas aquelas sugeridas por nós, mas também as trazidas pelos próprios alunos. Observamos que, devido ao formato de gravação desses vídeos, que geralmente são feitos em frente a uma tela de celular, os movimentos tendem a ser mais planos e direcionados frontalmente. Para diversificar essa perspectiva, exploramos outras dimensões da dança, incentivando o uso de diferentes direções e níveis.

Pois bem, para lidar com a questão da improvisação durante as atividades da oficina, foi adotada uma abordagem que valorizava a liberdade de expressão e a experimentação dos alunos. Encorajamos os mesmos a explorar movimentos criativos e a desenvolver sua própria linguagem corporal dentro do contexto do brega-funk. A construção da oficina enquanto metodologia se iniciou na percepção corporal, a partir de esquema de consciência corporal, com base nas partes do corpo (cabeça, ombro, joelho, quadril e pés) técnicas de improvisação, a partir de brincadeiras e jogos populares e composição coreográfica. Esta abordagem parece ter sido eficaz para promover a auto expressão e a criatividade dos participantes. Desse modo notamos que as aulas que envolviam jogos e brincadeiras proporcionaram maior possibilidade de interações e criatividade na criação de movimentos.

Desse modo o objetivo geral da oficina consistiu em apresentar o passinho do brega-funk, por meio de brincadeiras culturais transversalizadas pela ancestralidade, construindo processos de criação artística em dança por meio da improvisação, proporcionando paralelamente a isso diálogos reflexivos sobre culturas subalternizadas e empoderamento da identidade periférica.

Durante a oficina, os principais desafios encontrados ao ensinar os elementos da musicalidade rítmica e estrutura musical do brega-funk aos alunos foram relacionados à adaptação ao ensino remoto e às limitações técnicas dos participantes. A instabilidade da conexão com a internet e a falta de acesso adequado a dispositivos eletrônicos impactaram o processo de aprendizagem, dificultando a transmissão eficaz dos conceitos musicais.

A interação entre a experiência vivenciada nas ruas, com as batalhas de passinho, e a experiência pedagógica em sala de aula durante a oficina foi percebida como uma oportunidade para os alunos explorarem suas identidades culturais e expressarem sua individualidade através da dança. A integração do brega-funk com as brincadeiras de rua, como pega pega, pipa, amarelinha, entre outras, e as referências da cultura periférica proporcionou um contexto significativo para os alunos se conectarem com suas origens e explorarem novas formas de movimentação dentro de um ambiente educacional estruturado.

É interessante notar como as batalhas potencializaram a nossa percepção do passinho e as possibilidades de criação, em diálogos entre nós estagiárias, percebemos como o corpo brincante tem fundamental presença na criação, então foi com base nisso que firmamos a oficina. Desta forma, a oficina contribuiu para o desenvolvimento dos alunos não apenas em termos de habilidades de dança, mas também em aspectos como auto expressão, criatividade e trabalho em equipe. Através das atividades propostas, os alunos puderam experimentar uma

maior liberdade de expressão, explorar sua criatividade e colaborar com os colegas na construção de coreografias e na resolução de desafios. Além disso, a oficina proporcionou um espaço seguro para os alunos se expressarem livremente e desenvolverem sua confiança pessoal através da dança.

Outro ponto importante da construção foi a constante produção de vídeos que foram solicitados como atividade, bem como o envio de forma espontânea pelos participantes, tendo em vista que tínhamos um grupo de whatsapp e a comunicação nele era constante e mais prática, pois como citado anteriormente houve uma grande dificuldade de permanência dos alunos na oficina devido a precarização ao acesso de aparelhos eletroeletrônicos, assim como cita Rohana Fonseca em seu trabalho de conclusão de curso, intitulado, *Deixa de caô o negócio é mandar o passinho, Brega-funk, corpo, resistência e dança*, cita:

A internet, os equipamentos e aparelhos celulares e a nova configuração de aulas foram uma tentativa de manter as ações educacionais pelo país. Contudo, isso exige uma estrutura que a maioria dos alunos e até mesmo as escolas públicas infelizmente não possuem. Não é novidade que a educação pública carece de atenção e articulações pedagógicas que dialoguem com a realidade da maioria das crianças brasileiras. (FONSECA, Rohana, 2021, p. 35)

A oficina também teve um impacto significativo na forma como os alunos percebem e utilizam as redes sociais, em especial o TikTok, que desempenha um papel importante na disseminação de tendências e estilos de dança. Muitos alunos têm um contato frequente com o aplicativo, o que influencia diretamente suas movimentações e referências durante as aulas. Então desafiá-los a criar suas próprias coreografias e movimentos, incentivando a experimentação e a busca por novas formas de expressão, não apenas ampliou o repertório de movimentos dos alunos, mas também os incentivou a pensar de forma inovadora e a explorarem diferentes possibilidades artísticas.

As atividades permearam a ludicidade da brincadeira atrelada às movimentações do passinho dos malokas de Recife, isso com base na consciência corporal, trabalhando isoladamente cada parte do corpo, explorando possibilidades articulares. Na dança que segue o ritmo do brega-funk, é utilizado como marcações algumas regiões do corpo, como: ombro, quadril, joelhos, cabeça e pés. Na oficina delimitamos o uso de três destas, muito bem exemplificado por Rohana mais uma vez em seu trabalho:

Entre os movimentos bem marcantes do brega-funk estão as movimentações de ombro, que na maioria das vezes são o ponto de partida quando se começa a dançar. Joga-se o ombro para frente como se estivesse desenhando um círculo de cima para baixo. Quando o ombro desce, ao mesmo tempo, o quadril do praticante se movimenta para o lado contrário e assim a movimentação se repete de maneira igual no outro lado. Os joelhos ficam flexionados para que o movimento do quadril ganhe

um balanço similar ao da dança do ritmo arrocha. Outra movimentação marcante que ocorre também no ombro é a movimentação no contratempo, elemento característico das músicas do Brega-Funk. Ela tanto pode ocorrer no sentido de levar o ombro para frente e para trás (vai e volta), como para cima e para baixo por duas vezes seguidas (FONSECA, Rohana, 2021, p. 37).

Vejamos a descrição da autora referente a cintura pélvica:

O passo mais marcante do Passinho no Brega-funk é a impulsão da cintura pélvica (quadril) para frente, enquanto as mãos se movimentam na direção da cintura pélvica, tendo como base os joelhos sempre flexionados, seguindo o ritmo. Essa movimentação lembra a “sarrada”, famosa no Passinho Romana no estado de São Paulo (FONSECA, Rohana, 2021, p. 37).

Por fim, o Joelho:

O joelho proporciona a mobilidade da cintura pélvica (quadril), como o balanço e movimento acentuado seguindo as batidas no beat do ritmo do Brega-funk (FONSECA, Rohana, 2021, p. 37).

A base de todo desenvolvimento da prática pedagógica seguiu esses pilares descritos acima, uma prática coletiva que revelou como elementos de um movimento subalternizado pode capacitar jovens, promovendo expressão artística e crítica sobre seu ambiente e as imposições culturais. Ao mergulharem no passinho, os participantes encontraram uma voz poderosa para desafiar normas sociais e explorar sua identidade. Essa abordagem não só fortaleceu sua autoconfiança, mas também os incentivou a questionar e transformar conceitos de 'boa cultura' impostos pela sociedade.

CONCLUSÃO

Concluimos, portanto, que a dança afro transcende as fronteiras físicas e temporais, abrangendo aspectos multidimensionais que vão além da simples biomecânica. Ela é uma manifestação de arte, cultura, espiritualidade e identidade, enraizada na história e na experiência dos corpos negros ao longo dos séculos.

Ao refletir sobre o termo 'dança afro', reconhecemos sua limitação em capturar a diversidade e a complexidade dessas expressões. O uso do termo contemporâneo visa universalizar essa arte, mas é importante reconhecer que ele não apenas abrange o passado,

mas também o presente e o futuro, refletindo o ciclo contínuo de renovação e movimento que caracteriza a diáspora africana.

Portanto, ao nos referirmos ao continente berço da humanidade, é essencial adotar uma abordagem que reconheça a constante evolução e transformação que ocorre em África. O uso da preposição 'em' para descrever a circunstância de tempo reflete essa realidade de um ciclo infinito de vida e renovação.

Em síntese, este estudo buscou explorar a estreita relação entre a construção da música brega-funk e a dança do passinho dos malokas em Recife, destacando sua interdependência na idealização e sustentação de um movimento culturalmente ativo. Ao examinar o surgimento e as características desses dois movimentos, bem como ao analisar experiências em batalhas de passinho, e como professorie na oficina "Brincando no Passinho", foi possível compreender profundamente a dinâmica dessas expressões culturais.

Essa conexão com a corporalidade africana ancestral não é apenas física, mas também espiritual e emocional. Os dançarinos do passinho muitas vezes encontram uma sensação de pertencimento e empoderamento ao se reconectar com suas raízes africanas por meio da dança. Os movimentos fluidos, ritmados e expressivos do passinho ecoam a energia vibrante e a vitalidade das danças africanas, transmitindo uma sensação de liberdade e alegria que ressoa profundamente na comunidade negra.

Como resultado, este estudo destaca a importância de reconhecer e valorizar as manifestações culturais periféricas, como o brega-funk e o passinho dos malokas, não apenas como formas de entretenimento, mas como resistência, empoderamento e afirmação da identidade. Ao finalizar, é essencial ressaltar a necessidade contínua de apoiar e promover esses movimentos como parte integrante do patrimônio cultural diversificado e vibrante do Brasil, buscando sempre a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Em resumo, a dança afro é muito mais do que uma simples forma de movimento; é uma expressão vívida da história, cultura e espiritualidade dos povos africanos e seus descendentes em todo o mundo. Além disso, o passinho representa uma forma de resistência cultural, uma afirmação da identidade negra em um contexto de opressão e marginalização. Ao celebrar e valorizar suas origens culturais, os dançarinos do passinho desafiam

estereótipos e narrativas dominantes que historicamente tentaram suprimir a expressão afrodescendente.

Por fim, ecoam as vozes daqueles que constantemente seguem sendo censurados e contrariando as estatísticas falamos alto: O BREGA-FUNK VAI DOMINAR O MUNDO!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, GG. **O nascimento do bregafunk é a história de sobrevivência dos MCs do Recife.** Vice, 2018a. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/vbxkk3/historia-bregafunk-parte-1. Acesso em: 18 de mar. de 2020.

ALBUQUERQUE, GG. **Como o bregafunk deixou de ser um ritmo pra virar um movimento cultural.** Vice, 2018b. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/evqy3a/historia-bregafunk-parte-2. Acesso em: 18 de mar. de 2020.

ALBUQUERQUE, GG. **O bregafunk agora quer dominar o Brasil.** Vice, 2018c. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/a3awb5/historia-bregafunk-parte-3. Acesso em: 18 de mar. de 2020.

BRASIL, Spotify. **O Brega funk vai dominar o mundo.** 2019. (18m52s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3qLr-qILt1k>>. Acesso em: 17 de mar. 2020.
PERNAMBUCO, de Diário. **Movimento diferente: O som e a imagem do brega funk.** 2018. (17m41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RU0wvZOYkTE&t=238s>>. Acesso em: 17 de mar. 2020.

BENTO, EMANUEL. **Entenda o Passinho dos Malokas, fenômeno que está renovando o brega-funk.** Correio Braziliense Diversão e Arte, 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/01/10/interna_diversao_arte,730065/passinho-dos-malokas-viraliza-na-internet.shtml> Acesso em 19 de mar 2020.

CYMROT, Danilo. **A criminalização do funk.** *Ciências Penais: Revista da Associação Brasileira de Professores de Ciências Penais.* São Paulo, v. 9, n. 16, p. 2, jan.-jun. 2012.
ALMEIDA, Silvio luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Jandaíra, 2020
PERNAMBUCO, de Diário. **Passinho dos malokas.** 2019. (11m30s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PvC14DbPOTQ>> Acesso em 19 de mar. 2020.

Cardi B leva ao Grammy remix funk carioca de 'WAP' feito por Pedro Sampaio. G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/03/14/cardi-b-apresenta-trecho-de-remix-funk-de-wap-no-grammy.ghtml>. Acesso em 17 fev. 2024.

DJ Malboro #01 – História do funk no Brasil. 2021.(11m25s). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=nj7JShoF05M>. Acesso em 10 jul. 2023.

ELIAS, Marina. **Improvisação como possibilidade de reinvenção da dança e do dançarino**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 173-182, 26 nov. 2015.

FALCÃO, Inaicyra. **Dança e Pluralidade Cultural: Corpo e ancestralidade**. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p. 31-38, jan. / jun. 2009.

FECHINE, Letícia. **Conheça o Vogue — a dança que é símbolo de resistência**. Medium, 2019. Disponível em:
<https://medium.com/esquinaonline/nos-passos-do-vogue-29d0b08fd099>. Acesso em 16 mar. 2024.

FONSECA, Rohana. **Deixa de caô, o negócio é mandar passinho: Brega-funk, Corpo, Resistência e Dança**. 44 f. Relato de Experiência – Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2021.

GUERRERO, Mara. **Formas de Improvisação em Dança**. Universidade Federal da Bahia - UFBA, p. 1-5, 2008.

MC Shevchenko e Elloco. Gera Bactéria. (2018). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=y5rWKGdtjRY>. Acesso em 20 mar. 2021

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. **Pagodes Baianos entrelaçando sons, corpos e letras**. Salvador, Ba: EDUFBA, 2012. Acesso em 14: de julho de 2023.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 21 ed. – Petrópolis: Vozes, 2007. 187 p.

O Brega funk vai dominar o mundo. 2019. (18m52s). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=3qLr-qILt1k&t=38s>. Acesso em 1 abr. 2021.

Projeto de lei de criminalização do funk repete história do samba, da capoeira e do rap. G1. Disponível em:
<https://g1.globo.com/musica/noticia/projeto-de-lei-de-criminalizacao-do-funk-repete-historia-do-samba-da-capoeira-e-do-rap.ghtml>. Acesso em 14 fev. 2024.

Portal e-Cidadania. Rádio Senado. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/radio/1/projetos-da-semana/2023/12/22/portal-e-cidadania>. Acesso em 17 fev. 2024.

SANTOS, Emerson Vinicius Perreira dos. **Bregafunk, história e desdobramento do estilo que nasceu em Pernambuco: Elaboração de cartazes para divulgação do estilo**. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel)-Núcleo de Design e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2019.

SOUZA, Thiago de. **O verdadeiro Baile do mal: Conflitos da existência do funk nas universidades de música.** XXX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, p. 1-17, 2020.

TY - BOOK AU - Palombini, Carlos PY - 2016/05/12 SP - T1 - **Do volt-mix ao tamborão: morfologias comparadas e neurose.** VL - ER -. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301780300_Do_voltmix_ao_tamborao_morfologias_comparadas_e_neurose. Acesso em 17 jul. 2023.

4. ANEXO

QUESTIONÁRIO OFICINA BRINCANDO DO PASSINHO:

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua turma?
3. Já participou de alguma outra oficina de dança?
4. Já fez ou faz alguma aula de dança? Se sim, qual (is) estilo (s)?
5. Quais estilos você gosta de dançar?
6. Para podemos entrar em contato com você, vamos precisar do seu número de WhatsApp. Por favor, informe abaixo.
7. Para finalizar, caso você possua e-mail nos informe também.